



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edlene Oliveira Silva

**REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO FILME “OS HOMENS SÃO DE MARTE
E É PRA LÁ QUE EU VOU (2014)”**

MARIANE NASCIMENTO GOMES

Brasília,
Dezembro de 2015.



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edlene Oliveira Silva

MARIANE NASCIMENTO GOMES

**REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO FILME “ OS HOMENS SÃO DE MARTE
E É PRA LÁ QUE EU VOU” (2014)**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

Banca Examinadora

Professor Doutor Sullivan Charles Barros - UFG

Professora Doutora Susane Rodrigues de Oliveira – HIS/UnB

Professora Doutora Edlene Oliveira Silva - HIS/UnB

Brasília,

Dezembro de 2015.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às mulheres da minha vida: Minha avó Floriana e minha mãe Luciane, que me inspiraram ser a mulher que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sem Ele nada disso seria possível. Agradeço também a meus familiares em especial meus pais Sansão e Luciane, por me apoiarem de todas as formas, sempre me incentivando a nunca desistir diante das dificuldades encontradas na graduação e a meu noivo Rogério, que me ajudou bastante durante todo o curso, de todas as formas possíveis. Agradeço a todos os professores que tive durante o curso, não só do departamento de história, mas dos diversos departamentos os quais tive a oportunidade de estudar. Agradeço de coração a minha orientadora, que me orientou desde a escolha do tema ao final da monografia, dando todo suporte. E finalmente queria agradecer a universidade pela possibilidade dada, de conhecer e me relacionar com diversas pessoas, compartilhando as mais variadas experiências e pela oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas durante esses anos, que se tornaram grandes amigos e especiais para mim.

RESUMO

Os filmes, assim como outras mídias de comunicação de massa, são poderosos meios de difusão de representações de gênero, de papéis sociais do que é ser homem e ser mulher na nossa sociedade. Nesse sentido, a partir da relevância que as narrativas fílmicas possuem na construção/reprodução do imaginário social, nessa monografia, buscamos analisar as representações das mulheres no filme brasileiro “Homens são de marte.... E é para lá que eu vou!”, de 2014, dirigido por Marcus Baldini e Homero Olivetto. Nesse filme percebemos que as mulheres são tratadas sob uma ótica machista/sexista que reforçam as assimetrias e desigualdades de gênero. Diante destas constatações buscamos problematizar essas representações, questioná-las, portanto, desnaturalizá-las. Além de analisar os comentários dos expectadores do filme presentes nos sites de cinema Cineclick, Adorocinema e Filmow. O objetivo dessa investigação, dos discursos dos internautas, é compreender como eles leram o filme e se posicionaram criticamente quanto as imagens das mulheres veiculadas na película.

Palavras chaves: Cinema; Representações sociais; Feminino.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	11
Representação do Feminino em “Os homens são de Marte...É para lá que eu vou	11
CAPÍTULO 2	26
Representação do feminino nos discursos dos internautas sobre o filme nos sites: Cineclick, Adorocinema e Filmow	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

Depois de um longo tempo de lutas para silenciar, a história das mulheres, nas últimas décadas, vem tomando lugar expressivo nos discursos historiográficos, não só no cenário mundial, mas também no Brasil. Segundo Joan Scott (1992), entre as décadas de 60 a 80, o estudo da história das mulheres quis ocupar seu lugar de direito na história, depois de muito tempo escondida nas sombras da representação masculina. Ana Maria Colling aponta que o fato das mulheres conseguirem adquirir espaço e direito de escrever sua história, corresponde a oportunidade de “Libertar a história das amarras das metanarrativas modernas falocêntricas” (2004, p.31). Especialmente, a partir da década de 60, os movimentos feministas no ocidente, demandaram, de maneira geral, entre outras reivindicações, uma história escrita por mulheres e se preocupou com as construções propriamente teóricas: “tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos” (LOURO, 1997, p.17). Nessa perspectiva, os estudos nesse período, buscaram descrever a vida e trabalho das mulheres em diferentes instâncias e espaços (LOURO, 1997, p.18). Para Colling:

A história das mulheres é uma história recente, porque desde o século XIX, quando a História se transforma em disciplina científica, o lugar da mulher dependeu das representações dos homens, que foram, por muito tempo, os únicos historiadores. Na década de 60, as mulheres quiseram contar a sua história, olharam para trás e viram que não tinham nenhuma. Não existiam, eram somente uma representação do olhar masculino” (2004, p.31).

A partir da década de 70, os estudos sobre as mulheres se multiplicaram, pesquisas lançavam mão, cada vez com mais desembaraço, de lembranças e de histórias de vida, de fontes iconográficas, de registros pessoais, de diários, de cartas e romances, de programas/séries de televisão, de revistas femininas, de filmes, dentre outros objetos de pesquisa histórica. Nesse contexto, o surgimento da história das mulheres como campo de estudo possibilitou que o conceito de gênero fosse usado como distinto do conceito de sexo. Visando rejeitar um determinismo biológico implícito no uso dos termos como sexo ou diferença sexual, as feministas desejavam acentuar, através da linguagem, o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo (LOURO, 1997, p.21).

Nessa pesquisa adotarei a noção de gênero de Joan Scott. Segundo a historiadora,

o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens (1995,p.75).

O cinema e a mídia em geral possuem, na atualidade, um lugar privilegiado nos estudos feministas. Devido ao seu grande alcance e difusão na sociedade contemporânea, pesquisadoras feministas deram atenção especial às mídias, especificamente o cinema, pois para elas os discursos cinematográficos ainda representam as mulheres sob a ótica machista. Como aponta Ann Kaplan, “[...] as imagens dominantes da mulher nos filmes são construídas pelo e para o olhar masculino” (GALETTI, 2012, p.1). Os filmes detêm uma capacidade notória na propagação e difusão de ideias. Segundo o historiador Pierre Sorlin, a maneira como os filmes são formulados pode revelar um juízo sobre os eventos ocorridos nos diferentes períodos da sociedade. “Esse juízo é ideológico, na medida em que parte de uma situação, reconstrói seus antecedentes fundamentais e interpreta seu desenvolvimento” (TEGA, 2008, p.4). Dessa maneira, o cinema transmite “representações e esquemas sociais” (TEGA, 2008, p.4). Denise Jodelet (2001) destaca que as representações são formas de conhecimento socialmente compartilhadas que, associadas ao imaginário, dão sentido ao mundo social, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Elas se manifestam como elementos cognitivos determinando conceitos, comportamentos, imagens, definindo identidades pessoais e coletivas, projetando valores e aspirações sociais. É o duplo movimento das representações de práticas sociais, fazendo com que sejam uma forma de interpretação de conhecimentos e comunicação, mas igualmente de produção e elaboração de saberes.

Segundo Colling (2004), nos filmes, “[...] as mulheres são marcadas por uma sensibilidade e uma sexualidade excessivas, pela natureza de sua constituição”. Essa representação nas películas das mulheres associadas à emoção e a o

sexo/corpo, torna-se abusiva à exploração do corpo feminino, o que ocorre também na TV, propagandas, seriados, entre outros meios de comunicação de massa. Como um objeto de desejo ou mesmo de ficção, as mulheres, em grande parte das narrativas midiáticas, são compreendidas/descritas por meio de estereótipos, que em grande parte, retrata os seres femininos como um grupo de indivíduos de hábitos e desejos similares, minimizando as singularidades, as subjetividades e as diferenças entre as mulheres.

A visão difundida pela sociedade, por meio das mídias, colabora para a fomentação de uma figura de um indivíduo feminino propriamente dependente de estigmas que a complete como ser social, a vertente de gênero feminino, não tem relação com as diferenças naturais biológicas, a relação do gênero na verdade está ligada ao “o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais” (LAURETIS, 2016, p.208)

No contexto histórico do cinema brasileiro, pode-se vislumbrar claramente a forte influência que o sistema patriarcal exerceu e exerce, determinando valores e ideias, que de algum modo desqualificam e reproduzem imagens negativas das mulheres. Tanto no cinema quanto na sociedade, as mulheres são tidas “como objeto ou como não participante da sociedade” (GUBERNIKOFF, 2009, p.74), já que a cultura hegemônica no Brasil sempre esteve nas mãos dos homens. Segundo Kaplan, estudiosa das representações das mulheres no cinema norte-americano, a imagem que as mulheres exercem nas telas cinematográficas, é a de que elas existem para serem olhadas, cobiçadas tal como objetos de conquista. A objetividade da atuação feminina está relacionada à exposição dos seus corpos (*apud* GALETTI, 2012, p.553). Ou seja,

a mulher, desta forma, existe na cultura patriarcal como o significante do outro masculino, presa por uma ordem simbólica na qual o homem pode exprimir suas fantasias e obsessões através do comando linguístico, impondo-as sobre a imagem silenciosa da mulher, ainda presa a seu lugar como portadora de significado e não produtora de significado. (MULVEY, 1977, s/p. *Apud* GUBERNIKOFF, 2009, p.67).

Tais imagens das mulheres descritas por Kaplan, constituídas e difundidas nas telas, interferem na realidade do cotidiano destas na sociedade, corroborando para manter fixado no imaginário das pessoas, o estereótipo do “sexo frágil” e do

papel secundário que ocupam, reforçando os mitos da “inferioridade da mulher”. Nesse sentido, a partir da relevância que as narrativas fílmicas possuem na construção/reprodução do imaginário social, nessa monografia, buscamos analisar as representações das mulheres no filme brasileiro “Homens são de marte.... E é para lá que eu vou! ”, de 2014, dirigido por Marcus Baldini e Homero Olivetto. Nesse filme percebemos que as mulheres são tratadas sob uma ótica machista/sexista que reforçam as assimetrias e desigualdades de gênero.

Diante destas constatações adotou-se como objetivos; analisar as representações das mulheres no filme brasileiro “Homens são de marte.... E é para lá que eu vou! ”, de 2014, dirigido por Marcus Baldini e Homero Olivetto; Problematizar a representação das mulheres, questioná-la, desnaturalizá-la; analisar os comentários dos expectadores do filme presentes nos sites de cinema Cineclick, Adorocinema e Filmow. O objetivo dessa investigação dos discursos dos internautas é compreender como eles leram o filme e se posicionaram criticamente quanto as imagens das mulheres veiculadas na película.

Na elaboração desse trabalho adotou-se a pesquisa qualitativa, por buscar interligar e adjetivar características estereotipadas das mulheres no filme e na sociedade, contando também com o apoio teórico realizado por uma revisão bibliográfica, portanto de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), uma pesquisa bibliográfica se desenvolve com levantamento de materiais publicados, tanto em livros e artigos científicos e outros periódicos disponíveis em materiais gráficos ou digitais, dentre o levantamento de conteúdo pra descrever e analisar a questão problemática conta-se também com uma investigação dos comentários de expectadores do longa metragem analisado, esses comentários/dados estão sendo retirados de três sites conceituados. Adotou-se também a pesquisa historiográfica.

Para Silva et al. (2008), a pesquisa qualitativa dentro do contexto estuda as sociedades e sujeitos, tendo como propósito uma interpretação das ações humanas; cultural; valores e crenças. Existe ainda a apresentação de dados quantitativos referentes a computação dos comentários dos sites de críticas cinematográficas.

CAPÍTULO 1

Representação do Feminino em “Os homens são de Marte...É para lá que eu vou

A comédia, no cenário nacional, vem se tornando cada vez mais expressiva e a partir de 1950, atraiu um grande público, influenciando padrões estéticos e culturais (VASCONCELOS, 2012, p.4) dentro da sociedade globalizada. No Brasil, as produções fílmicas com viés cômico têm significativa aceitação no gosto do público. Em 2011 foram lançados 99 filmes, sendo onze títulos do gênero comédia. Esse filão atinge 54,22% do público total dos filmes nacionais.

A preferência do brasileiro pela comédia vem de longa data. Desde meados do início do século, com o curta-metragem “Nhô Anastácia Chega de viagem”, lançado em 1908 contendo apenas 15 minutos de duração. No entanto, é especialmente a partir da década de 50 houve uma grande produção de filmes de comédia musical (denominadas chanchadas), como também os melodramas realizados pela famosa produtora paulista da época Vera Cruz (LIMA, 2007). A chanchada é uma representação cômica do cotidiano no qual o erotismo tem papel central, bem como conflitos entre marido e mulher. Desde as chanchadas, que estas representações dos problemas do dia a dia, embasados nas guerras entre os sexos, como também nas diferenças sociais é uma grande fonte de inspiração dos roteiristas no passado quanto no presente.

Dessa forma, o fato de o filme “Os homens são de marte... e é pra lá que eu vou” ser uma comédia é estratégia para atrair o público, já que este tem preferência pelo gênero. A película é inspirada na peça homônima de mesmo nome, interpretada por Mônica Martelli que ficou em cartaz em todo o país durante 10 anos. A trama do filme gira em torno da personagem Fernanda, interpretada por Mônica Martelli, uma mulher solteira, bem-sucedida que dedicou boa parte da vida à carreira profissional, o que de acordo com o filme a fez deixar sua vida amorosa de lado. A personagem, devido a sua idade que considera avançada está desesperada para casar. A narrativa central é a busca de Fernanda para encontrar um casamento. Movida pelas emoções, conseguir um marido é o único sentido da vida da personagem que se anula em função de seus relacionamentos, na tentativa de

agradar seus parceiros. Mulher de personalidade forte, muito observadora e analítica, mas com baixa autoestima, que por esse motivo acredita em seu estado atual são poucas as oportunidades de relacionamentos, então, de acordo com a lógica da personagem, ela deve tentar aproveitar todas as relações amorosas que consegue para ver qual dá certo.

O filme obteve a terceira maior bilheteria nacional em 2014, com 1.793.239 milhões de expectadores, ficando atrás apenas dos filmes: “Candidato Honesto” (2.237.537 milhões de expectadores) e “Até que a Sorte nos Separe 2” (3.978.191 milhões de expectadores)¹, tendo este último estreado em dezembro de 2013. A peça e o filme fizeram tanto sucesso junto ao público que recentemente o canal por assinatura GNT lançou uma série de TV que, assim como na peça e no filme, conta a história de Fernanda, também interpretada por Mônica Martelli na TV.

Um primeiro aspecto a ser analisado no filme diz respeito à associação intrínseca que a sociedade estabelece entre às mulheres, a juventude e a estética como pode-se evidenciar no diálogo a seguir:

00:57:02,852 --> 00:57:04,945

Fernanda: Ai, Nati, estou me sentindo velha. Vou botar Botox.

*Nathalie (melhor amiga de Fernanda): Que Botox, menina? Está louca?
Olha, escuta o que eu estou te falando, em?
Esse mundo do Robertinho está te influenciando mal.*

*Fernanda: Claro que está, amor.
Só tem mulher gata, bem cuidada nesse mundo.*

A beleza e a juventude exigida socialmente às mulheres são ditadas por diversas fontes representacionais, dentre elas se destacam os filmes, a televisão e as revistas femininas. O apelo à beleza, à juventude prolongada através de tecnologias vinculadas à estética tem chamado a atenção das pesquisadoras feministas. Utilizando o conceito de *Cyborg* Haraway, (1994 *apud* SANTOS, 2002, p.9), trata em seus escritos de seres híbridos, termo associado a busca pela formação/estruturação de um corpo parte orgânico, parte produto de materiais

¹ In- disponível em <<http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/DadosMercado/2105-22052015.pdf>>. Acessado em <28/11/2015>

sintéticos, tal como a protagonista ‘Fernanda’ que deseja usar, “*botox*” um sintético industrial comercializado como ‘toxina botulínica’, para diminuir e suavizar suas rugas e linhas de expressão. A busca pelo corpo perfeito faz com o que muitas mulheres coloquem suas vidas em risco simplesmente para atender aos padrões estéticos sociais. Haraway invoca o *cyborg* também para discutir,

o transplante do qual se trocam as peças na luta contra a morte, a plástica na barriga, as publicidades de cosméticos e cremes rejuvenescedores apelam à eterna juventude, ao corpo produzido: o modelo corporal está finalmente ao alcance de todas, na luta contra o tempo e as imperfeições. (SWAIN, 2001, p. 22)

Com a cosmetologia, nenhuma mulher precisa ser velha ou feia. Nesse sentido, o modelo de mulher valorizada é a considerada bela e jovem, corpo magro, atributos essenciais para a mulher “conseguir” um namorado ou marido, o sentido da vida feminina.

A luta das mulheres contra o envelhecimento, como mostrado no filme, a busca da juventude eterna, está relacionada a uma questão importante que é o significado da juventude em nossa sociedade como assevera Tânia Navarro Swain:

a “juventude” significa comportamentos especiais, preferências particulares, tendências específicas? O que constitui este grupo de “eleita”, cujo reino é tão rapidamente corroído pelo tempo-que-passa? E a “velhice”, o que significa? Em que momento passamos de um lado para outro? Seria a idade ou a aparência? “Velhice”, “juventude”, mais uma vez a linguagem nos molda em palavras generalizantes, que fingem ter um sentido único, lá onde há apenas dispersão. Mais uma identidade ilusória que define o humano para melhor hierarquizá-lo, cindi-los, criando separações e exclusões. É assim tão difícil perceber as linhas de poder que sustentam as oposições binárias? Na formação de grupos, cujos limites criam as margens e os marginais? (SWAIN, 2003)

Por que as mulheres se submetem aos gostos dos homens para poder ser aceitas? Acredito que tudo que não se enquadra na estética padrão “– magro, jovem e branco”, fica marginalizado. Luiza Brasília (2007, p.13): “[...] pois por mais que os homens adotem práticas sociais de beleza estas estão ainda relacionadas à identidade feminina e são as mulheres as que mais procuram alcançar este ideal, acarretando, muitas vezes, prejuízos para a saúde.” Ou seja, Colling (2014, p.27) “Não existe a verdadeira mulher, pois “verdadeira” e “mulher” são conceitos criados, portanto, aparências, superfícies, produções.”.

Outra imagem das mulheres presente no filme e que deve ser problematizada é concepção da mulher como objeto sexual do homem. Num dos trechos do longa-metragem, o personagem Marcelinho, ex *affair* de Fernanda a encontra numa festa e a aborda com uma investida explicitamente sexual. Ele conversa com ela por poucos minutos e já propõe que mantenham relações sexuais após a festa. Por Fernanda ter negado a proposta de Marcelinho, ele se mostra indignado.

00:08:58,204

*Marcelinho: Eu estava aqui pensando, depois da festa...
Nós dois juntinho, bolado daquele jeito...*

Fernanda: Não, Marcelinho, hoje não rola, não rola.

*Marcelinho: Já tive mais moral contigo.
Antigamente não me rejeitava assim, não.*

Segundo a Segundo Scott (1989), o homem assumiu, sempre, a posição de controlador, destinando a mulher à posição de objeto de ação ou subjugação. Segundo a feminista Catherine Mackinnon,

a sexualidade é para o feminino o que o trabalho é para o marxismo: o que nos pertence mais e, no entanto, nos é mais alienado". A reificação sexual é o processo primário da sujeição das mulheres. Ela alia o ato à palavra, a construção à expressão, a percepção à efetivação e o mito à realidade. "O homem come a mulher: sujeito, verbo, objeto". (MCKINNON, 1992, *apud* SCOTT 1989 p.9)

Atribui-se a sexualidade ao gênero feminino tal como a atividade intelectual ao masculino, a mulher é vista com um objeto de posse de conquista, de domínio do homem. A sexualidade na concepção machista ocidental está para a mulher como um atributo/característica de comportamento e atitude sugestiva do gênero, não como um meio de descoberta da livre experimentação de seus desejos. Ou seja, a mulher é seu corpo e seu órgão sexual, não sendo vista como produtora de conhecimento ou saber intelectual.

As hierarquias de gênero se expressam e organizam toda e qualquer arena e nível da vida social, sendo intersectadas por outras áxis de poder e estratificação, incluindo classe, raça/etnia, sexualidade, nacionalidade e idade/geração (COSTA, RODRIGUES e PASSOS, 2011, p. 23)

É realmente da escolha da mulher se relacionar sexual, simplesmente pelo momento, ou seria tal escolha influenciada pelo discurso masculino que hoje impera até mesmo nas palavras e nas ações femininas. Será que o desejo do homem por adequar as mulheres as facilidades sexuais não tem surtido efeito sobre a pseudo subjetividade dos desejos femininos? Separar a sexualidade das representações das mulheres é de extrema dificuldade, pois ambas já estão associadas no imaginário social.

De acordo com Louro (1997, p.26) “os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem “viver seus desejos e prazeres corporais”. A associação de prazer ao corpo deve ser vínculo de vontade e do ser pessoal, não a imposição de outro. Hoje a sexualidade é estabelecida por normas populares, que se justificam teoricamente em fatos biológicos, mas: “[...] seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade” (BUTLER, 2015, p.44).

A intersecção entre mulher e o sexo, “objeto erótico” no Brasil tem origens representacionais que podem ser localizadas no Brasil colônia. Segundo Angela Schaun e Rosana Schwartz (2008, p.2), “com a chegada dos lusos e contatos com os ameríndios. As mulheres indígenas, por não utilizarem vestes, foram rotuladas de culpadas pelas violências sexuais que sofreram.” E mais tarde descrito por Gilberto Freyre, confirmando a posição patriarcal incorporada pela sociedade brasileira da época, a subjugada e sexualizada posição dada a mulher, agora por sua cor: “*Branca para casar, mulata para fuder, negra para trabalhar*” (FREYRE, 2003, p.72)

O sexo, tal como a oportunidade de se alcançar o prazer associado ao erotismo, é de direito para todas as identidades de gênero, homens e mulheres. No entanto, para os homens a sexualidade livre e com múltiplas parceiras é permitida e para a mulher não é. Além disso, a estereotipada associação da mulher ao seu sexo e ao prazer configura e limita a sua existência, colocando-a como um ser de obrigações eróticas por natureza. Para Foucault, o corpo é um elemento primordial para a concepção das estruturas sociais e “suas relações de poder” e é por essa razão que as mulheres feministas reivindicam a posse do seu próprio corpo, “nosso

corpo nos pertence”, reivindicando direitos à decisão sobre a maternidade, ao aborto, à sexualidade.

Na cena de Fernanda e Marcelinho pode-se evidenciar a construção do figurativo da mulher solteira e independente, sendo essa visualizada como alguém que se encontra disponível para o sexo casual, quando o homem desejar, o homem nestas circunstâncias da narrativa se coloca como irresistível. Dessa forma, esse tipo de representação das mulheres no filme alimenta a ideia corrente que existe mulher para casar e mulher para “pegar”.

A sociedade patriarcal brasileira se fundamentou no machismo e sexismo, construindo paralelamente duas imagens de mulher associadas ou como “objetos sexuais” – erotizadas e sensuais ou como “esposas submissas - dedicadas aos seus maridos (Cobra, 2002, p.16 Apud SCHAUN e SCHWARTZ, 2008, p.2)”.

No filme, a sexualidade feminina é mostrada como instrumento de barganha e de conquista utilizada pelas mulheres para conseguir o que desejam do indivíduo masculino. Ressaltando tal aspecto pode-se tomar dois momentos específicos do filme. O primeiro, nos minutos (00:23:06), onde a protagonista desenvolve um diálogo com a sua manicure sobre a escolha do esmalte que deve usar para poder sair com um pretendente.

Manicure: Já escolheu a cor do esmalte?

Fernanda: Pois é, não sei ainda. Eu tenho um encontro hoje à noite e eu quero estar linda. O que você acha?

Manicure: Assim, quando eu vou sair com meu marido, eu escolho esse clarinho aqui que é básico, né? Agora, quando eu vou sair com o meu ex, que agora ele não para de me atazanar, eu já escolho esse aqui, esse laranja que é pra impressionar. Agora, quando eu quero jogar um charme pro meu vizinho que está louco por mim, eu vou de vermelhão, que é pra causar.

Analisando e refletindo sobre a compreensão que o filme faz das mulheres, neste aspecto de sexualidade, evidencia-se que, segundo o filme, as mulheres são indivíduos manipuladores, que utiliza da aparência para tomar vantagem. A imagem da mulher manipuladora tem relação com a construção da mulher pelo

cristianismo e a associação entre a mulher e o pecado. Eva, de acordo com as narrativas bíblicas foi induzida pela serpente/demônio a comer do fruto proibido e convencer Adão a comê-lo. De acordo com Silvana Ribeiro (2000, p.13) a ligação entre o pecado e a mulher parecem intrínsecas na construção do figurativo histórico feminino:

Esta aparece, então, como manipuladora da beleza, do adorno e do charme para enganar o homem. A mulher é vista como ameaça sedutora e, ao longo dos tempos, especialmente na Idade Média, acusada de união sexual com o demônio, representando um instrumento do Mal.

A fala da manicure descreve as mulheres, assim como Eva, um ser ardiloso, que usa da sedução para conseguir realizar seus desejos. A manipulação por meio do sexo e da sensualidade é tida por muitas mulheres como uma habilidade natural. No entanto, as feministas questionam que esse tipo de comportamento é fruto da imposição social androcêntricas, que fazem com o qual a mulher se coloque sempre em posição inferior ao homem, sendo ela submissa das vontades sexuais, por ter sido a ela atribuído a imagem de um ser/objeto sexual ou mesmo, como apontado, ocasionadora de pecado alheio. Um exemplo histórico desse tipo de imagem negativa das mulheres é da visão das mulatas no século XVI. Segundo Verena Stolke (2006, p.38), as mulheres negras eram uma “síntese da mulher irresistivelmente sedutora e moralmente depravada, eximia homens brancos de qualquer responsabilidade, culpando em vez disso a mulher.

Outro trecho do filme (00:22:21), pode-se notar o abuso do estereótipo sexual feminino, este relacionado com o trecho a qual a protagonista esta há comprar roupas para poder ter um encontro.

Fernanda: Eu acho muito nua.

Fernanda: Eu quero uma coisa sexy, mas ao mesmo tempo discreta, sabe? [...] O cara é um político, mas é um cara moderno. Primeira vez que eu vou sair pra jantar com ele. [...] Um senador, luta pelos índios, super engajado... Bonitão! [...] quero ficar linda hoje à noite, pelo amor de Deus.

Nota-se no discurso fílmico que para a mulher se destacar perante um homem o único atributo louvável é sua aparência física. Não se esquecendo de que,

sua visão pessoal e seus gostos pelas próprias roupas não constam na hora de ponderar sobre o que vestir em um encontro, minimizando o ser a um objeto de submissão. As mulheres são seres de desejos ou são seres que despertam os desejos masculinos?

Como dito anteriormente, a figura da perfeita mulher é idealizada através da perspectiva do homem, e não por sua própria singularidade bio-social histórica, mas como toda construção do figurativo, “As imagens são construídas a partir de ‘discursos visuais’ que são incorporados como modelos na sociedade.” (SCHAUN e SCHWARTZ, 2008, p.1). Historicamente como sublinham as autoras Schaun e Schwartz, a imagem feminina desnuda para a apreciação dos homens na Europa e no Brasil desde colônia foi muito difundida por meio das artes, fotografias, pinturas etc. Hoje ainda é realizada tal exploração do corpo feminino nas propagandas digitais como também nas mídias impressas.

O discurso afirmado na presunção da protagonista em responder as expectativas do seu pretendente, apontam que a mulher deve atender os desejos do homem, adaptando-se aos seus hábitos e costumes, tal como, também sua própria estrutura física para se chegar ao imaginário desejoso do parceiro. A protagonista demonstra querer despertar o desejo do homem mais sem passar a imagem estereotipada de mulher “vulgar”, por isso ela ressalta que quer uma roupa sexy, mas que ainda demonstre ser uma mulher que ele possa confiar para ter uma relação seria.

A classificação da mulher “vadia” ou “decente” a partir das roupas relaciona-se a ideia de que a identidade feminina e a personalidade está nas vestimentas ou do comportamentos sexuais. Esses preconceitos contra as mulheres foram questionados pelas lutas feministas ocorridas em 2011 em Toronto/Canadá, na Escola de Direito Osgode Hall. As mulheres se mostraram contrárias aos argumentos realizado por um policial quando em sua palestra de segurança fez uma afirmação infeliz: “Disseram-me que eu não deveria dizer isso, mas as mulheres deviam evitar se vestir como vagabundas, para não se tornar vítimas...” (HASHIMOTO, 2011 apud JUNQUEIRA e GONÇALVES, 2011, p.2). Esse levante crítico feito pelas mulheres foi denominado de “SlutWalks” no Brasil como a “marcha das vadias”

Um outro aspecto importante no filme que aparece nas falas iniciais da personagem Fernanda é a crítica aos movimentos feministas, à militância das mulheres, da década de 70.

00:03:25,972

Fernanda: Nos anos 70 ela (refere-se a sua mãe) saia com uma plaquinha pela rua escrito:

Quem precisa dos homens?

Hoje eu, vou sair com uma plaquinha escrito: Eu preciso!

A crítica as lutas feministas na fala da protagonista demonstra uma visão no mínimo equivocada dos movimentos feministas. As feministas não são contra os homens ou pregam que não precisam dos homens ou odeiam os homens. Essas imagens negativas do feminismo foram construídas pela mídia e são tidas como verdades por parte da sociedade e difundida em filmes como o analisado aqui. Segundo a professora Lola Aronovich, do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará (UFC) existem “11 mentiras batidas sobre feminismo que precisam parar de ser repetidas”²:

1. O feminismo é uma ditadura;
2. Feminismo é o contrário de machismo;
3. O feminismo só é bom para as mulheres;
4. Feminismo tem apenas um significado;
5. Toda feminista odeia os homens;
6. Homens não podem ser feministas;
7. Para ser feminista é preciso ser ativista;
8. Passar “make” e usar roupas sensuais faz de você menos feminista.
9. Donas de casa não podem ser feministas.
10. Para ser feminista você não pode deixar o homem pagar a conta ou abrir a porta do carro.
11. O feminismo divide as mulheres.

É preciso também ressaltar que as lutas feministas são responsáveis por conquistas importantes de direitos para as mulheres na história e que luta por

² - in- Disponível em <<http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/m-trends/mentiras-batidas-sobre-feminismo-que-precisam-parar-de-ser-repetidas>> Acessado em <01/12/2015>

igualdade e não por uma supremacia das mulheres sobre os homens. Para Claudia Pedro e Olegna Guedes,

não é apenas pela igualdade econômica e política que as mulheres conquistam seu espaço; mas são, também, na construção de uma sociedade livre de relações preconceituosas e discriminações. Trata-se de uma luta pela liberdade, para além da equiparação de direitos, e pelo respeito à alteridade(2010, p.5)

Quando se menciona/difundi no discurso fílmico a ideia inferiorizada que as mulheres querem simplesmente confrontar o domínio masculino e disputar o poder, esquece-se que historicamente foi através desse esforço que hoje as mulheres possuem direitos. Pedro e Guedes (2010) ressaltam a força humanitária que o movimento feminista obteve no âmbito nacional, sem essa luta hoje não existira a igualdade entre homens e mulheres, essa amparada na constituição de 1988, não haveria uma lei de proteção a mulher contra os abusos masculinos denominada Lei Maria da Penha, ou mesmo teria hoje a implantação de um dia internacional da mulher, que corrobora para fortalecer o movimento, foram muitas as conquistas pois hoje o tópico da luta pelos direitos femininos tem sua atenção junto a agendas políticas.

Tânia Navarro Swain comenta sobre a importância do movimento feminista no país que:

graças à sua pluralidade e dinamismo penetraram as redes discursivas do século XX, desafiando os regimes de verdade que instituem o mundo e suas significações tais como o corpo biológico (natural) e o papel social (cultural); suas análises ressaltaram os processos e mecanismos que transformam os corpos em feminino e masculino, interpelados pelas práticas de dominação, de assujeitamento ou de resistência. (SWAIN, 2000)

As mulheres como descreve Tania Navarros, tem conseguido conquistar, com muito esforço, seu espaço na sociedade como um todo, fato corroborado pelo seu dinamismo em suas aptidões.

Um outro aspecto importante para se discutir no filme é a associação entre a mulher que “transa” com o homem no primeiro encontro e a prostituta, que não serve para casar, como no trecho a seguir:

00:14:39,478

Fernanda: Eu não vou dar pra esse cara de jeito nenhum.

Que isso? Dar assim de cara?

Eu acabei de conhecer...

Compreender a posição que as mulheres ocupam no cinema se relaciona com o reconhecimento que circula no imaginário da população, e entre os estereótipos mais vivenciados nas telas estão: “a figura da mulher fatal e da prostituta, em contraponto com as figuras da virgem e da mãe” (LIMA, MENDONÇA, 2006, p.1).

A classificação da mulher pura e da impura está vinculada as imagens cristãs de Eva e Maria. Eva representa à prostituta, a mulher devassa que deve ser controlada e vigiada e Maria símbolo da santidade e virtude moral. O “controle sexual: a salvação da alma dependia da submissão do corpo aos preceitos religiosomorais.” (STOLKE, 2006, p.33)

Sobre o aspecto estereotipado da pureza da mulher em discussão com a sexualidade e seu desejo de prazer é demonstrado no filme no trecho (00:14:39 até 00:14:41) a qual a protagonista Fernanda tem um enfrentamento de consciência quando se vê desejosa de fazer sexo com seu pretendente, porém por saber que a sociedade condena a mulher que o faz, isso no primeiro encontro, ela se questiona se deve ou não fazê-lo.

00:32:21,372 --> 00:32:22,999

Fernanda: Cara, não deveria ter transado com ele assim, de cara. Agora na boa, trinta e nove anos, você conhece o cara, rola aquele clima e você acha que é a pessoa, faz como?

E em um segundo momento (00:32:21 até 00:32:28) quando a protagonista faz sexo com um pretendente que acabou de conhecer, ela demonstra ter ficado com a “consciência pesada”, mas justifica seu ato por causa da idade e do desespero. Geralmente, no cinema como também em outras mídias de comunicação juntamente com o cotidiano social, a prática sexual dos homens não é questionada como a das mulheres.

O fato da protagonista encenar uma mulher que trabalha na produção de casamentos tradicionais, corrobora para disseminar, esse através de suas atitudes e comportamentos, a ideia que o casamento é uma entidade pura que não se deve fazer sexo antes do casamento, pois quando a protagonista o faz sente-se culpada pelo ato.

De acordo com Lima e Mendonça (2006, p.1) a ficção da mulher como boa moça, mãe ou em outros casos objeto de desejo demonstra o enrijecido e injusto espaço que a essa foi confiado “Tais aparições femininas na mídia acabaram por conferir à mulher status de fetiche, transformando-a em vedetes que se tornaram mitos do *star system*.”

contudo, à medida que seu papel foi mudando na sociedade e ela passou a ocupar posições que até então haviam sido exclusivamente masculinas, sua representação no cinema também passou para outra esfera (LIMA, MENDONÇA, 2006, p.1)

Segundo Camila Galetti (2012), a concepção que temos hoje sobre o amor e o casamento teve origem nas ordens burguesas, recebendo força e aceitação em meados do século XVIII. Um dos fatores que contribuíram para isso foi à valorização da sexualidade dentro do casamento. Nos primórdios não casamento, o aspecto do amor consensual, com direito de escolha amorosa, não era uma característica do casamento. “[...] a sexualidade não era vivida como lugar de prazer, sua função específica, era a reprodução. ” (ARAÚJO, 2002, p.2 *apud* GALETTI, 2012, p.554).A instituição do casamento existia sobre uma padronização patriarcal, hierarquizada e heterossexual, de acordo com Claudete Canezin (2004), a mulher era dada como inábil para exercer alguns atos da vida civil.

A mulher como já apontado, mesmo no casamento ocupava um papel secundário, de simples cuidadora do lar e auxiliadora do marido, Tânia Cunha e Ana Alves, (2014, p.82) descreve que para a mulher do século XX casar representava um dos objetivos primordiais de sua existência, “Ser mãe, esposa e dona de casa era o destino natural. ”

Esta conspeção que a mulher tem como objetivo natural casar-se e constituir família se apresenta também no filme, e pode ser observada em vários

ocasiões, destaca-se no momento o trecho (00:36:15 até 00:36:17) quando a protagonista Fernanda comenta que:

00:36:15,406

Fernanda: Amor, eu não tenho mais idade pra ser solteira.

Eu tenho idade para estar em um casamento em crise.

A idade da personagem é um demarcador de tempo para se assumir determinados posições no meio social. A mulher tem idade certa para casar (pois quanto mais velha, menos chances possui) e o casamento é obrigatório para a realização feminina. Alguns relatos levantados no trabalho de Cunha e Alves, (2014, p.82), mostram como as mulheres pensavam a respeito do casamento e qual a importância que a ele lhes era dado, sendo as afirmativas:

O que eu aprendi com minha mãe a respeito do casamento [é que] era uma coisa que toda mulher teria que fazer. Ficar moça na casa do pai, depois casar e cuidar dos filhos e do marido. (Norma, 41 anos, empregada doméstica). O casamento era uma coisa que todas as moças que chegavam à idade tinham que fazer: casar e constituir família. (Marina, 50 anos, 2º grau). O temor das moças dessa época era não realizar esse objetivo, pois, assim, não teriam cumprido o “destino feminino” e sofreriam muito com esse estigma social. (CUNHA e ALVES, 2014, p.82)

No imaginário das mulheres existe esse estigma, de posição obrigatória na sociedade, a mulher tem como obrigação, quando em sua infância, aprender a cuidar das coisas do lar com a sua mãe, desse modo se preparar para um dia poder se casar e ocupar o lugar de auxiliadora do lar junto ao seu marido que ocuparia o papel superior hierarquicamente.

“Conseguir” um casamento é comparado a ganhar um prêmio. A protagonista deixa evidente tal discurso no trecho (00:36:25 até 00:36:34) o qual compara o casamento ao cartão de milhagens de viagem.

00:36:25,383

Fernanda: Mulher e casamento pra mim é igual cartão de milhagem.

Solteira é cartãozinho básico, tá na merda.

Casou passou pro prata, deu uma melhoradinha.

Agora se o casamento durou, meu amor, cartão ouro.

Enfim, segundo Guacira Louro (1997, p.96), a mulher detém como tarefas fundamentais casar e ser mãe, “ qualquer atividade profissional”, fora essas, “será considerada como um desvio dessas funções sociais, a menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas. ” Assim podem e devem trabalhar fora do âmbito domestico, mas sem abandonar suas funções naturais de esposa e mãe.

Mesmo com variados avanços na luta da mulher, estes no decorrer do tempo, vislumbra-se como demonstrado que, as mídias, tal como o cinema, ainda retrata a mulher como um ser secundário, dependente do homem, e que esta tem como função primordial casar-se e se tornar mãe, o filme deixa claro um discurso androcentrista, na qual para mulher outros objetivos tais como carreira pessoal e desejos próprios são coadjuvantes quando colocados a prova diante do casamento, este momento está referido no trecho (01:15:45 até 01:16:09), quando a protagonista abandona tudo que construí-o para seguir a vida e os desejos de um pretendente.

O pretendente dessa vez é um sujeito chamado Nick, ele é um rapaz vindo da Alemanha que se encantou com as belezas da Bahia e resolver morar por lá, sua vida é em meio a natureza, desprendido de bens materiais.

01:15:45,774

Nick: Bela! Bela, não vai.

Bela, fica aqui, comigo.

Fernanda: Volta o barco, eu vou ficar.

Nathalie: Você está louca!

A gente vai perder o voo.

Fernanda: Que voo, Nati?

Eu não tenho nada a perder.

Nathalie: Claro que tem, menina!

Seu trabalho, sua vida inteira.

Isso aqui é um fim de mundo, não tem nada.

Fernanda: Aqui tem amor, Nati.

Nesta cena mostra bem a visão de uma amiga que espera alertar a protagonista de se autovalorizar, não deixando para trás os seus sonhos e sua carreira para viver um romance com o Nick, pois de cara a narrativa demonstra que tudo que o rapaz vive é contrário aos gostos e costumes de Fernanda, mas porem o que o filme demonstra e retrata é que o mais importante para uma mulher são as funções básicas impostas pela sociedade, casar e ter uma família o que vem após isso é meramente dispensável. Por isso ela resolve abandonar tudo e viver mais uma vez um romance. Neste ponto pode-se averiguar que o filme desfavorece a figura feminina como um ser pensante dono de suas próprias escolhas.

CAPÍTULO 2

Representação do feminino nos discursos dos internautas sobre o filme nos sites: Cineclick³, Adorocinema⁴ e Filmow⁵

Nesse capítulo buscamos analisar os comentários dos internautas, sobre o filme proposto, coletados em três diferentes sites de críticas cinematográficas, a ideia proposta está em visualizar como os internautas que assistiram ao filme ficaram diante do discurso fílmico por trás do roteiro.

Todas as informações tem como data de referência 19/11/2015.

- **SITE CINECLICK**

No Cineclick teve cinco comentários referentes a um texto sobre o filme analisado escrito pelo crítico de cinema do site, Roberto Guerra. Dois comentários de mulheres e três de homens. Dois trechos a seguir sobre o artigo de Guerra causaram polêmicas: “Sim, é provável que sua namorada o escale para acompanhá-la numa sessão desta comédia romântica. Não, você não vai ficar entediado como quando ela o chama para fazer compras” e “E você, homem, acompanhando a namorada, noiva ou mulher, vai se divertir também. Afinal, somos de Marte e é pra gente que elas vêm, felizmente”. É muito interessante ler nos comentários que internautas se posicionaram criticamente ao texto identificando no discurso de Guerra representações machistas. Ana Alice diz:

Estou impressionada como a pessoa que escreveu esta critica subjuga as mulheres e as coloca no lugar-comum machista da "mulherzinha que só faz compras e, quando vai assistir a um filme, assiste a uma comédia romântica". Ao invés de criticar o filme, deixa clara a sua visão da mulher totalmente idealizada e reforçada tantas vezes pela mídia: o sexo frágil. A impressão que eu tenho eh que o autor desta critica não tinha o que

³ Disponível em < <http://www.cineclick.com.br/criticas/os-homens-sao-de-marte-e-e-pra-la-que-eu-vou>>. Acessado em <19/11/2015>

⁴ Disponível em < <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-222393/criticas-adorocinema/>> . Acessado em < 19/11/2015>

⁵ - Disponível em < <http://filmow.com/os-homens-sao-de-marte-e-e-pra-la-que-eu-vou-t89195> > . Acessado em <19/11/2015>

escrever e acabou apelando para essa balela machista e acho que o site deveria ter mais cuidado para não colocar um conteúdo assim.

Abelardo diz:

O primeiro e o último parágrafos são quase ofensivos, tanto para as mulheres - e principalmente para elas - quanto para os homens. Um absurdo, que, imagino eu, não deve ser ou não deveria ser o efeito esperado pela autora e protagonista do filme.

Gerson fala que :

“[...] parece um comentário da tititi, soh que pra homens. Do tipo, sua namorada vai querer e vc vai ter de fazer essa porcaria e tal e tal. Bleeeh....”

Regina diz que:

“[...] eu gostei da crítica, não entendi a crítica à crítica... gente que faz um estardalhaço por nada.”

Em primeiro lugar, o título do filme deve ser problematizado, pois é certamente influenciado pelo livro “Homens são de marte e mulheres são de Vênus”, de John Gray, lançado em 1992, que descreve que ambos os sexos pensam e agem de forma diferentes, sistematizando os comportamentos e as atitudes de ambos os gêneros, simplificando a maneira de interagirem, essencializando a natureza das mulheres e ratificando as diferenças entre homens e mulheres como um dado natural sem questionar o gênero como uma construção sócio-histórica. Neste ponto, analisando tal ideologia, vislumbra-se que se esquecem que tanto homem como mulher são seres sociais e que sua personalidade e comportamento são, em grande parte, fruto da exposição que estes têm com os seus pares.

Historicamente a associação das mulheres com a deusa Vênus e dos homens com o deus Marte refere-se à concepção mitológica grega. Marte é o deus da guerra e Vênus/Afrodite é a deusa do amor. Essa representação mitológica reforça a ideia do homem associado à força física e das mulheres ligadas aos

sentimentos amorosos, emocionais. “As mulheres são emotivas, atenciosas e frágeis, enquanto os homens são agressivos, aventureiros e independentes. Este sistema de crenças caracteriza o sexismo” (GUERRA, 2004, p.48).

Esses comportamentos sexistas advindos desde a Grécia “reforçam a desigualdade entre os sexos e podem ser expressas de forma ambivalente, ou seja, por meio de atitudes tanto hostis como favoráveis/benévolas ante o sujeito-alvo de preconceito” (GUERRA, 2004, p.48). Em segundo lugar, é muito importante que a internauta tenha questionado a posição de Valeschka Guerra sobre a existência de um “universo feminino” que corrobora para sustentar a ideia de que os assuntos de mulheres seriam: sedução e sexo, estética, casamento e futilidades (compras). As mídias propagam a ideia que as mulheres devem se ocupar de coisas do lar, de ações que não sejam vinculadas aos níveis hierárquicos superiores na sociedade. A historiadora feminista Tânia Swain sublinha sobre a raridade dos assuntos políticos, econômicos e financeiros nas revistas femininas de circulação nacional, descrevendo que:

A ausência, nas revistas femininas, de debate político, de assuntos econômico-financeiros, das estratégias e objetivos sociais, das questões jurídicas e opinativas é extremamente expressiva quanto à participação presumida, à capacidade de discussão e criação, ao próprio nível intelectual das mulheres que as compram (SWAIN, 2001, P.19)

Realmente ainda existe uma ausência de mulheres na política, na economia e no sistema financeiro, esse, fruto do pouco espaço que é permitido a figura da mulher, mas essa ausência é resultado da sociedade machista que resiste à emancipação da mulher na sociedade. Esse discurso da “natureza feminina” definida pelos gregos na cultura ocidental, e que sobreviveu no tempo relega o protagonismo das mulheres ao lar e aos filhos.

Sobre a internauta que reproduz o machismo acriticamente pode-se dizer que ela também é fruto das relações sociais machistas e que como assevera Drumont (1980, p.82) “O machismo pode ser genericamente considerado como um ideal a ser atingido por todos os homens e acatados e ou invejados por mulheres”.

A reprodução do machismo consciente ou inconsciente de muitas mulheres, presente nos comentários do site suscitam algumas questões: será que quando uma

mulher defende a sua própria opressão ou submissão, não o faz por estar assujeitada ao machismo estruturante em nossa sociedade e/ou por medo de conflito? Como aponta Butler (1998, p.19):

nenhum sujeito é seu próprio ponto de partida; e a fantasia de que o seja só pode desconhecer suas relações constitutivas refundindo-as como o domínio de uma externalidade contrabalançadora. Com efeito, pode-se levar em conta a afirmação de Luce Irigaray de que o sujeito, entendido como uma fantasia de autogênese, é sempre já masculino. Do ponto de vista psicanalítico, essa versão do sujeito é constituída por meio de uma espécie de rejeição ou mediante a repressão primária de sua dependência do maternal. E tornar-se um sujeito com base nesse modelo não é, com certeza, um objetivo feminista.

Entretanto, ao lado da existência de mulheres machistas também vê-se que as lutas das feministas tem surtido efeitos positivos entre os homens. O internauta Abelardo se mostrou indignado com as afirmações preconceituosas do crítico Roberto Guerra do site CINECLICK. Paul Smith ressalta que “através da articulação simultânea da heterogeneidade e da singularidade, o feminismo tem sido capaz de “produzir uma oposição coordenada às opressões materiais concretas”.(COSTA, 2002, p.61). Costa (2002, p.62) analisando a participação de Smith e de outros “homens no feminismo” descreve que tal apoio e atribuição de sucesso conferido as causas feministas por esses pesadores e estudiosos, “confere com propriedade à força política do feminismo, a meu ver, deve-se ao fato de que tal projeto tem sido, por um lado, o de construir positividade para os seus sujeitos com base na materialidade das experiências que as mulheres têm do social [...]”.

SITE ADOROCINEMA

No site adorocinema o filme teve 20 comentários, sendo 12 femininos, 6 masculinos e 2 que não se identificaram. Em geral, os comentários analisados se direcionaram para a crítica do filme e não referem-se a um texto sobre a película. 17 falas são positivas, utilizando adjetivos como legal, divertido, bem-feito e elogios à atuação da atriz protagonista. Não houve críticas das imagens pejorativas das mulheres no filme, nem do discurso machista que permeia essa narrativa cinematográfica. Além desses comentários elogiosos, existiram 3 comentários de mulheres, dois deles que reproduzem acriticamente as imagens do filme sobre as

mulheres como verdade. O primeiro comentário relata que: “Os homens são de marte e é pra lá que eu vou é ótimo e leve, retrata exatamente o que acontece com muitas mulheres nesta idade”. Analisando o comentário acima, percebe-se que, o fato de discursos e narrativas cinematográficos apontarem as mulheres como um ser que necessita obrigatoriamente buscar um parceiro e se casar para poder ser feliz não é algo ofensivo para todas as mulheres, deste modo, é compreendido como um comportamento natural. O segundo comentário afirma que: “Mas sim, esse filme foi um dos melhores que eu já assisti, e eu percebo que em todas as mulheres tem um pouco de Fernanda! Todas nós pensamos como ela”.

Esse discurso mostra também uma aceitação das representações das mulheres no filme, como a necessidade do parceiro perfeito e do casamento para se tornar uma mulher completa e feliz. Esse comentário evidencia ainda a generalização do objetivo de vida das mulheres e da suspensão de buscas singulares reforçam. Tania Navarro comenta que:

nas fendas do dispositivo da sexualidade, as mulheres são « diferentes », isto é, sua construção em práticas e representações sociais sofre a interferência de um outro dispositivo: o dispositivo amoroso. Poder-se-ia seguir sua genealogia nos discursos – filosóficos, religiosos, científicos, das tradições, do senso comum – que instituem a imagem da « verdadeira mulher », e repetem incansavelmente suas qualidades e deveres: doce, amável, devotada (incapaz, fútil, irracional, todas iguais!) e sobretudo, amorosa. Amorosa de seu marido, de seus filhos, de sua família, além de todo limite, de toda expressão de si. (SWAIN, 2011)

O terceiro comentário diz que: “A imagem da mulher que só se sente feliz se conseguir casar é das mais retrógradas e é um aspecto do filme que com certeza desagradará às feministas como eu”. É fundamental analisar que este último comentário se contrapõe à ideia das outras duas mulheres, mostrando que algumas desnaturalizam o casamento como um ideal de felicidade e realização e vê o casamento compulsório como uma imposição social que definiria a mulher verdadeira de outras mulheres. Além disso, a internauta aponta que tal visão é retrógrada e desagradada as feministas como ela. O feminismo de acordo com Bandeira (2008) tem esse propósito crítico de despertar nas pessoas, tanto homens como mulheres, a justiça e a igualdade dos gêneros, erradicando a subordinação das mulheres para com os homens, possibilitando também que as mulheres possam

ter espaço no tocante de suas capacidades no campo de todas as ciências humanas.

Portanto, a crítica feminista explícita, incorpora e assume a tomada de consciência individual e coletiva, a qual é seguida por uma revolta contra o entendimento presente nas relações de sexo/gênero e a posição subordinada que as mulheres ocupam em uma dada sociedade, em um dado momento de sua história assim como na produção do conhecimento. Trata-se de uma luta para mudar/transformar essas relações e essa situação. (BANDEIRA, 2008, p.210)

- **SITE FILMOW**

No site “Filmow” tem 516 comentários. Destes 238 são homens, 259 mulheres e 19 não foram possíveis ser identificados. Dentre a totalidade dos comentários cerca de 15 % se repetem, totalizando 78 comentários. Pela grande quantidade de comentários foram escolhidos os mais relevantes que discordaram da visão machista sobre as mulheres presentes na película.

Tabela 1 - Comentários que acham o filme machista

Homens	Mulheres	Total	Total /comentários
27	32	59	438

Fonte autor , dados do site FILMOW

Destes comentários selecionamos alguns para analisar:

- Comentário Feminino

“Algumas cenas engraçadas, situações ridículas que fazem a gente dar umas risadas. Mas me enganei redondamente. Filme machista,”

- Comentário masculino

“E o que mais me incomodou foi que embora o tema seja até muito presente na atualidade a maneira que foi abordada reforça um machismo medonho...”

- Comentário feminino

“Que filme extremamente MACHISTA! Além de nada original, é um desserviço para as discussões feministas. Colocam a protagonista (apesar de formada em jornalismo - que tem uma empresa que trabalha com planejamento de casamentos e tal) inferior aos homens com quem ela sai. Realmente a retratam como estúpida (desconhecendo, por exemplo, qualquer discussão política e até mesmo o aquecimento global). Exageram ao mostrar sua preocupação estética, com uma obsessão por roupas, joias, maquiagens etc. O filme não promove o empoderamento feminino, mas mostra uma incessante busca por um marido, já que a protagonista (segundo eles, claro) está numa idade (39 anos) em que toda mulher com certeza já devia estar casada.”

- Comentário feminino

“Não sei lidar com esses filmes q deixam implícita essa "cultura" dessa sociedade machista de querer controlar a vida sexual das mulheres e afirmar q só encontrarão felicidade casando...”

- Comentário feminino

“O filme é tão machista que eu não consegui achar graça em absolutamente nada. Se é que existe graça, né. Tem tanta coisa errada nesse filme que eu não sei nem por onde começar, eu simplesmente não entendo essa necessidade que algumas mulheres (como a Fernanda) tem de ter um homem para conseguir se dar valor.”

- Comentário masculino

“Pra mim, extremamente sexista. A base para quase todas as piadas de "Os Homens são de Marte e É Pra Lá Que Eu Vou" é um exercício interminável do patriarcado que só faz de se

difundir em toda e qualquer mídia social "direcionada às mulheres".

- Comentário feminino

“Quando o cinema nacional me dá raiva. Machista e sem graça. Simplesmente odioso.”

Neste site, a quantidade significativa de internautas que se indignam com as degradantes imagens machistas das mulheres no filme analisado evidenciam transformações importantes na mentalidade brasileira. Essas pessoas percebem que a classificação dos gêneros não se faz apoiada em fatores simplesmente biológicos, ou naturais, mas sim sobre uma construção social e histórica que por meio “de relações de poder e subordinação, representada pela discriminação de funções, atividades, normas e condutas esperadas para homens e mulheres em cada sociedade.” (SILVA, 2011,p.5).

No entanto, percebe-se que no Brasil, os movimentos feministas mesmo sendo atacados por aqueles que temem a igualdade, os “jornais, as revistas, o cinema, o teatro e a televisão passaram a dar espaço para as reivindicações das mulheres. Ainda que existam as produções de filmes machistas como “Os homens são de marte...é para lá que eu vou” a possibilidade comunicacional gerada pela internet permitiu que pessoas se manifestassem contrárias ao argumento no filme analisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, é possível vislumbrar que a internet é uma ferramenta para a propagação de ideias e pensamentos democráticos, pois é isso que nos feministas buscamos, a oportunidade de mostrar, criticamente que, a busca feminista sempre foi contra o separador de águas entre as oportunidades femininas em comparação com o a masculina, conforme aponta Goldenberg (2001).

Críticas como esta realizada no trabalho, colabora para que se combata a disseminação da imagem da mulher estereotipada, apontada como um ser frívolo e dotado de funções fixas sociais, tais como: somente casar e ser mãe. As mulheres buscam por igualdade sociopolítica. O filme reforça a injusta imagem da mulher como um ser secundário, dependente do homem para ser feliz.

Muitas coisas estão mudando nas relações sociais e tendem a se transformarem mais com a organização feminista e a desconstrução do machismo nos valores sociais. (Elisiana Probst, 2005)

Discutir e problematizar esse filme se faz necessário pela importância que o tema possui para a sociedade e as mulheres, pois a propagação de ideias que corroboram para inferiorizar ou subjugar as mulheres não contribuem para um mundo mais justo e melhor.

Enfim, buscou-se, neste trabalho, uma discussão sobre as representações das mulheres no filme analisado, mas sobretudo, ao constatar as reproduções machistas na película, se pensar em como transformar os valores sociais que fundamentam a produção desse tipo de filme.

Percebe-se que no Brasil, os movimentos feministas mesmo sendo atacados por aqueles que temem a igualdade, as mídias passaram a dar espaço para as críticas ao sistema patriarcal social. Ainda que existam as produções machistas como “Os homens são de Marte...é para lá que eu vou”, hoje há possibilidade de se comunicar, e se manifestar contra argumentos, tais como, encontrados no filme e isso pode colaborar para um futuro justo para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica A contribuição da crítica feminista à ciência. Florianópolis. Revista Estudos Feministas., Nº 16. 2008
- BRASÍLIO, Liza Aparecida. Um olhar sócio-histórico sobre a beleza: das amarras à alteridade. Araraquara. Universidade Estadual Paulista – UNESP. 2007
- BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo. Campinas. Cadernos PAGU, nº11. 1998. pp.11-42
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero-Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, ed. Editora Civilização Brasileira, 2015.
- CANEZIN, Claudete Carvalho. A mulher e o casamento: da submissão à emancipação. *Revista Jurídica Cesumar* – v.4, n. 1 – 2004. Disponível em <http://www.professorchristiano.com.br/ArtigosLeis/artigo_claudete_mulher.pdf>. Acesso em <17/11/2015>
- CECHINEL, Angela Sartor. A importância do casamento na vida da mulher contemporânea. Criciúma, 2009. Disponível em <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000041/000041B8.pdf>>. Acesso em <15/11/2015>
- COLLING, Ana Maria. *Gênero e História. Um diálogo possível? Contexto e Educação* - Editora UNIJUÍ - Ano 19 - nº 71/72. 2004 - P. 29 – 43
- COLLING, Ana Maria. .Tempos diferentes, discursos iguais a construção do corpo feminino na história. Dourados. Ed. UFGD, 2014.
- COSTA, Ana Alice Alcantara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira, PASSOS, Elizete Silva. Gênero e diversidades na gestão educacional. Salvador : UFBA-NEIM, 2011.
- COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. Campinas. Cadernos PAGU nº19. 2002: pp. 59-90
- CUNHA, Tânia Rocha Andrade. ALVES, Ana Elizabeth Santos. Educação e violência nas relações de gênero: reflexos na família, no casamento e na mulher. In: *Em Aberto*, Brasília, v. 27, n. 92, p. 69-88, jul./dez. 2014
- DRUMONT, M.P. Elementos para uma análise do machismo. *Perspectivas*, São Paulo, 3: 81-85 , 1980
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Fundação Gilberto Freyre, 2003. Recife – Pernambuco – Brasil. 48º edição, 2003, Global Editora.
- GALETTI, Camila Carolina Hildebrand. Mulher e cinema: a representação do feminino no cinema brasileiro (1958-1965). Maringá. *Anais do X Seminário de Ciências Sociais - Tecendo diálogos sobre a pesquisa social*. 2012.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Porto Alegre : Editora da UFRGS. 2009.

GOLDENBERG, Miriam. SOBRE A INVENÇÃO DO CASAL. Rio de Janeiro. In:Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia v. 1, n. 1 (2001) 1º e 2º semestre de 2001. p. 46-53

GUBERNIKOFF, Giselle. A imagem: representação da mulher no cinema. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009

GUERRA, Valeschka M. et al. Inventário de ambivalência em relação aos homens: adaptação brasileira e relação com o gênero. *Psicol. teor. prat.* [online]., vol.6, n.2, 2004. pp. 47-61. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v6n2/v6n2a05.pdf>> acessado em <01/12/2015>

JUNQUEIRA, Mariane Oliveira; GONÇALVES, Veronica Korber. A marcha das vadias: por que as mulheres gritam?. Jataí - Anais do II Congresso Internacional de História da UFG. 2011

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. *Technologies of gender*, Indiana University Press, 1987. Pp. 1-30. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/81873993/A-Tecnologia-do-GeneroTeresa-de-Lauretis>>. Acesso em: 02/01/2016

LIMA, A. S.: MENDONÇA, M.L.M. O Papel da Mulher no Cinema Brasileiro. Goiânia. *Congresso De Pesquisa Ensino e Extensão da UFG, CONPEEX II.* 2006

LIMA, Aline Soares. Da cultura da mídia ao androcentrismo cultural. IV ENECULT - *Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.* 2008.

LIMA, André Luiz de. A Chanchada Brasileira e a mídia: O diálogo com o radio, a imprensa, a televisão e o cinema nos anos 50. São Paulo – ECA-USP. 2007

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MATOS, Gabriela; SILVEIRA, Marianne. Por que os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus?. Rio de Janeiro. *Revista Eclética - PUC-Rio* nº37. 2013. P.11-14

MOURA, Laiana Carla de. Henrique, Iale Barros. Aspectos sócio-histórico-culturais envolvidos no fenômeno de culpabilização de mulheres vítimas de violência. Pernambuco. *Veredas Revista eletrônica de ciências* V. 7. Nº. 2. 2014

PEDRO, Claudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. Londrina- Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas. 2010.

PINTO, Céli Regina Jardim. FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER. Curitiba - Revista. Sociologia Política. v.18, n.36, p. 15-23. 2010

PROBST, Elisiana Renata . A evolução da mulher no mercado de trabalho. Santa Catarina. ICPG. 2005. Disponível em <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acessado em <02/12/2015>

RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história*. Florianópolis: Ed.Mulheres.1998

RIBEIRO, Silvana Mota. Ser Eva e dever ser Maria: Paradigmas do feminino no Cristianismo. Coimbra. IV Congresso Português de sociologia. 2000

SANTOS, Patrícia Lessa dos. O corpo em pedaços: análise do discurso sobre mulher nos outdoors de Maringá. Montes Claros- UNIMONTES CIENTÍFICA. v.4, n.2. 2002

SCHAUN, Angela; SCHWARTZ, Rosana. O corpo feminino na publicidade: aspectos históricos e atuais. São Paulo. IV ComCult – Cultura da Imagem. 2008

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. 1989. Disponível em <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAAnero-Joan%20Scott.pdf> . Acessado em < 14/11/2015>

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: *A escrita da história. Novas perspectivas*, Peter Burke (org.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SILVA, Carla da. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. São Paulo: PUC. 2011

SILVA, Cinthia Lopes da; VELOZO, Emerson Luís; RODRIGUES JR, José Carlos. *Pesquisa qualitativa em Educação Física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural*. educ. rev. [online]. 2008, n.48, pp. 37-60.

SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. Sexualidade, Gênero e educação: a subjetivação de mulheres pelo cinema. Porto Alegre. *Revista Educação e Realidade* – Nº31(1). 2006. p.127-144

STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. Florianópolis,. *Revista Estudos Feministas*. Nº14, 2006

SWAIN, Tania Navarro. A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário? *Textos de História*, Brasília: Ed. UnB, v.8, n.1-2, p.47-84, 2000.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. Curitiba. História: Questões & Debates - Editora da UFPR. n. 34, p. 11-44, 2001.

SWAIN, Tania Navarro. Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista, In: Labrys, Estudos Feministas, Número 4, agosto/dezembro 2003.

SWAIN, Tania Navarro. Diferença sexual: uma questão de poder. Ceará - I Simpósio de Gênero e Literatura da Universidade Federal do Ceará. 2011. Disponível em <<http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/diferenca%20sexual.htm>>. Acessado em < 02/12/2015>.

TEGA, Danielle. Gênero e cinema: reflexões e discussões teóricas. Salvador - IV *ENECULT*. 2008

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. Campinas – *Cadernos PAGU*: IFCH-UNICAMP. N 23. 2003

VASCONCELOS, Anna Beatriz Lisbôa de. Comédia no cinema brasileiro: o gênero na cultura globalizada. Brasília. UNB. 2012

Declaração de Autenticidade

“Eu, Mariane Nascimento Gomes, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *Representação do feminino no filme “Os homens são de marte ... E é pra lá que eu vou”* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato”.

Mariane Nascimento Gomes
Brasília, 10 de dezembro de 2015.